

EMOCIONAR E CONHECER

Renata Fischer da Silveira Kroeff¹, Nithiane Capella Farias², Cleci Maraschin³

RESUMO

A relação entre cognição e emoção é frequentemente abordada de forma dicotômica. Neste texto, apresentamos três modelos teóricos que nos permitem compreender os processos cognitivos e emocionais em uma perspectiva relacional de coprodução em contraponto à polarização. Propomos a inseparabilidade entre emoção e cognição e destacamos a ação e a linguagem como elos constitutivos entre sujeito-observador e mundo.

Palavras-chave: cognição, emoção, enação, linguagem.

ABSTRACT

The relationship between cognition and emotion is frequently looked at from a dichotomic position. In this article we present three theoretical models that allow us to understand the cognitive and emotional processes from a relational perspective of co-production in contrast to polarization. We propose the intertwining between emotion and cognition and bring front-stage the action and language as constituent links between subject-observer and the world.

Keywords: cognition, emotion, enact, language.

Recebido em 31 de março de 2019, aceito em 11 de junho de 2019

¹ Mestra em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Doutoranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Professora do Curso de Psicologia da IENH. kroeff.re@gmail.com

² Mestra em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Doutoranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). nithiane@gmail.com

³ Pós-doutorado na UW-Madison (EUA). Doutora em Educação (UFRGS). Professora titular aposentada e colaboradora junto aos PPGs de Psicologia Social e Institucional e Informática na Educação da UFRGS. Pesquisadora PQ CNPq. cleci.maraschin@ufrgs.br

1 DICOTOMIAS E DISTINÇÕES

Em vários domínios do conhecimento, assim como nos estudos da cognição, existem abordagens teóricas que estabelecem dicotomias entre corpo e mente, razão e emoção, conhecimento e opinião, sujeito e cultura. Dicotomias essas que chegam a colocar tais termos em oposição: quanto mais emoção, menos razão; quanto mais intuitivo, mais suspeito é o conhecimento e vice-versa.

Procuramos, neste texto, produzir alguns contrapontos a essa visão dicotômica, trabalhando com distinções que se articulam. Ou seja, não negando que possamos estabelecer diferenças entre cognição e emoção, mas procurando sua mútua produção-articulação. Desse modo, distinguir não cria necessariamente uma dicotomia e consiste, como discutiremos adiante, na operação cognitiva que engendra observador/a e mundos (MATURANA e VARELA, 2001).

Retomando as versões tradicionais sobre a emoção, Colombetti (2010) salienta que existem duas abordagens principais, com algumas variações. A primeira atribui à experiência emocional uma origem fisiológica. Algo acontece no corpo e precisa ser interpretado para ser experienciado como uma emoção específica. A segunda propõe que as emoções são construídas a partir da esfera intelectual e, por sua vez, desencadeiam efeitos corporais. Nesse último caso, os eventos corporais são subprodutos da emoção que emerge a partir de uma avaliação dos acontecimentos no mundo. No primeiro, a mente avalia o corpo e, no segundo, avalia o mundo. Em ambas as abordagens, é a avaliação/julgamento que possibilita a experiência emocional. Trata-se, portanto, de uma cognição intelectualizada e subordinada à razão que, ao avaliar, produz emoção correspondente. Além disso, Colombetti (2014) afirma que tais perspectivas concebem certa gradação aos episódios afetivos, correlacionando as emoções a sentimentos básicos que se complexificam com as variações de humor. Vê-se que em ambas as posições estamos distantes da ideia de uma distinção que se articula, uma vez que há uma subordinação da emoção pela razão, pois cabe ao juízo a especificação da emoção adequada a ele. As questões que se colocam são: como deslocar essa versão de cognição intelectualizada para uma versão que considera a cognição incorporada? Como articular cognição, emoção e afeto explicitando suas operações sem, entretanto, as polarizar?

Iniciamos o percurso retomando o estranhamento de Vinciane Despret ao observar como diferentes versões das emoções são utilizadas em nossas vivências cotidianas. Sua discussão indica que as emoções constituem modos de agir em uma negociação, versões articuladas que “coexistem em um mesmo mundo e se cultivam neste mundo” (DESPRET, 2001, p. 43). Pensar as emoções como modos de fazer-fazer abre um caminho interessante pois relaciona a corporeidade situada em determinada circunstância. Seguimos com a mesma autora, visitando o trabalho de William James sobre o tema. Novamente, estamos diante de um modo de pensar/viver a emoção capaz de problematizar as distinções já feitas, os hábitos já construídos. A via aberta pelos autores citados nos possibilita seguir trabalhando a relação emoção-cognição ao indagar a teoria enativa. Essa constitui a última etapa de nosso percurso no qual diferentes versões de cognição se articulam a distintas emoções.

2 A VIVÊNCIA COTIDIANA DAS EMOÇÕES

Para Despret (2001), na cultura ocidental as emoções são vividas com grandes contrastes. Podem ser experimentadas como aquilo que é “o mais autêntico de nossas vidas” e também como “aquilo que faz com que não sejamos nós mesmos”. Autenticidade e também desmedida acompanham os julgamentos das emoções. Outro contraste refere-se à origem das emoções: provêm elas do mundo, que gera determinados afetos, ou estão em nossa capacidade de transformá-lo? Em outras palavras, seriam as emoções reativas ou performáticas?

Em vez de tentar encontrar uma solução para essas tendências discrepantes, a autora aponta como elas se relacionam a situações específicas que são negociáveis em nossa cultura: podemos tratar as emoções ora como fonte de autenticidade e afirmação de si, ora como uma experiência de transbordamento, de um outro que nos apossa, de acordo com aquilo que desejamos ou podemos produzir. Tal variação é utilizada para compreender e negociar as relações conosco e com os mundos. Por vezes, avaliamos as emoções como irracionais, uma reação involuntária ao que nos apossa; outras, como impulso, consciente, para a ação. Ou seja, há uma articulação entre emoção e ação. Despret (2001, p. 66) escreve:

A experiência de passividade, a experiência pela qual as emoções são “coisas que nos acontecem”, que são “naturais” e independentes de nossa razão e de nossa vontade, esta experiência que, aliás, há muito tempo legitimou as concepções naturalistas, deve ser interpretada como uma maneira a partir da qual negociamos a relação com nossos atos.

A emoção, tida como uma desmedida, nos engaja em uma experiência de multiplicidade do eu, uma vez que podemos não nos reconhecer como sendo nós mesmos. Desse modo, dependendo das circunstâncias de nossa ação, podemos julgar a emoção como uma experiência autêntica, ou seja, quanto desejamos confirmar algum propósito como verdadeiro.

Despret problematiza a versão naturalista, segundo a qual as emoções seriam emanções dos corpos. Nessa versão, o corpo é compreendido não somente como lugar de expressão das emoções, mas também como o único lugar confiável que nos permite compreendê-las e defini-las. A corporeidade, que é tida como medida confiável para determinar uma razão autêntica e verdadeira, por vezes, é a mesma da qual emana a desconfiança de um transbordamento, de emoções que nos desarrazoam e performam outros modos de ser em nós. Assim, o corpo adquire diferentes estatutos dependendo da versão de emoção acionada. Ele pode ser um meio de controle às causas da emoção desencadeada, como também se performar como um efeito, resistindo às determinações. Em contraponto a essa ideia naturalista, Colombetti (2014) afirma que, quando as emoções são compreendidas como afeto, elas ressaltam na corporeidade a capacidade ativa de se afetar e de ser afetado, o que evidencia uma articulação entre emoções, afetos e corpo. Tomar a emoção como um modo incorporado, de afetar e ser afetado, é atribuir-lhe uma condição performática, de criação (COLOMBETTI, 2014; DESPRET, 2001).

As versões performadas de emoção configuram distinções e articulações entre emoção-afeto e cognição. Um primeiro contraste para compreender essas distintas articulações nos é oferecido por Despret, que contrapõe a versão de William James em relação às versões naturalistas – emoção como reação – e culturais – como entendimento da emoção.

3 EMOÇÃO COMO MODO DE CRIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

Buscando compreender as articulações entre emoção e cognição, realizamos uma parada em William James. Para o autor, o que conotamos com a palavra emoção indica geralmente uma reação a determinado acontecimento. Tudo se passa como se a percepção de algo produzisse uma emoção e essa última ganhasse uma expressão corporal. Tal acepção seria mais próxima a uma concepção intelectualizada e naturalista. Como referido acima, tais abordagens assumem que seria a percepção de algo externo que produziria uma emoção, e esta desencadearia uma ação: ao percebermos um perigo, sentimos medo e fugimos. A sequência seria: percepção-emoção-ação. James (2008) problematiza esse encadeamento sequencial. Para ele, *as mudanças corporais modulam a percepção, e a sensação causada por tais modulações, no momento em que ocorrem, constitui a emoção*. Assim, porque trememos, percebemos o perigo de uma situação e, junto, sentimos medo. A relação proposta por James seria: ação, percepção-emoção. Cada uma das mudanças corporais é sentida e percebida no momento em que ocorre.

É interessante considerar a emoção não como uma resposta a uma percepção que deflagra a ação, e sim que as ações fazem emergir percepção e emoção. A consequência dessa proposição é que não existiria emoção desencarnada (*disembodied*):

Para mim, torna-se completamente impossível imaginar que espécie de emoção de medo restaria se não estivessem presentes nem a sensação de coração disparado ou de respiração ofegante, nem lábios tremendo ou membros dormentes, nem pele arrepiada ou estômago embrulhado. (JAMES, 2008, p. 669)

Além da proposição de um outro modo de pensar as relações entre ação, percepção e emoção, para o autor a emoção jogaria um papel importante na cognição. Ela teria uma função disruptiva em relação às formas de pensamento habituais. Esse é um ponto de articulação da teoria enativa com James, pois, segundo a primeira, os sujeitos *enatuam* um mundo ao agir e não simplesmente agem porque perceberam um mundo externo e independente deles próprios.

Para James, o pensamento produz diferenciações, embora, de início, tenhamos uma experiência que chama de “pura”, “bruta” (*coarser*), uma experiência na qual nada é

designado, separado, distribuído. Uma experiência pré-reflexiva. Certamente, essa experiência primeira não nos é facilmente acessível, pois logo aprendemos a separar, distribuir e classificar. Diríamos mais, nos transformamos ao separar, distribuir e classificar. Hábitos ou modificações estruturais dificultam perceber de que modo esse reencontro pré-reflexivo (anterior ao reconhecimento consciente) pode se dar como indeterminação, sob o signo da ambiguidade. Mais frequentemente, nos damos conta desse modo de operar recorrente nos momentos em que nosso modo habitual de produzir determinadas distinções entra em colapso ao ser desestabilizado. Podemos, com Varela (2001, 2003), chamar essa experiência de *breakdown*, uma perturbação no acoplamento sujeito-mundo, provocando uma interrupção no fluxo da experiência atual, o que possibilita a emergência de outro sentido, uma nova disposição para ação. Esse é, no entanto, um processo ativo, de busca de novas configurações a partir desse momento de caos, que poderíamos chamar, em certa medida, de uma experiência bruta. Segundo Despret (2001, p. 260), James busca colocar a relação do sujeito com o mundo como um problema, favorecendo os colapsos, uma vez que nos habituamos a tratá-lo como já constituído e independente do modo como vivemos.

Uma das questões levantadas a partir das reflexões de James seria: como é possível estar aberto a essa experiência “bruta”, “pura”? Como estranhar modos habituais de ação mesmo quando ela é efetiva? Tal proposição nos possibilita sair de formas já estabelecidas e apreender outras nuances virtuais que as relações entre sujeito-mundo podem *induzir*. James compreende a emoção como modo de apreensão, como ferramenta de indução da experiência não formatada. A emoção, portanto, induziria a um estranhamento e daria acesso a uma experiência outra em relação a nossas distinções já estabelecidas. Para Despret (2001, p. 264), “é a colocação em risco que define a emoção”. Não se trata somente de uma teoria: mas uma verdadeira prática do afeto, uma prática da indução. Despret e Stengers retomam a potência deste termo, afirmando que a indução não seria como uma sugestão “porque ela propõe um movimento sem dizer como ele deve ser feito. A indução modifica a sensibilidade” (DESPRET e STENGERS, 2011).

Essa versão de uma emoção sempre *induzida* – tal como James a propõe, no momento em que suscita a hesitação, a indeterminação – se traduz como uma prática dos afetos ou, mais ainda, como uma prática criativa que dispõe o corpo em modo de ser

afetado. Uma política afetiva capaz de estranhar os movimentos habituais, problematizando a própria experiência cotidiana. A emoção, assim, pode abrir brechas no que já está estruturado, justamente por não ser pensada como uma reação, mas sim como uma produção. Ao retirá-la de uma concepção reativa para considerá-la como uma ação produtiva – a emoção não sendo aquilo que é sentido, mas o que faz sentir – pode ser pensada menos como substância e mais como ação afetiva, um emocionar. Uma modificação que articula a ação, a percepção e a emoção de uma outra maneira, constituindo uma experiência indutora de hesitação.

Retomando a discussão até aqui realizada, vimos com Despret que a emoção consiste em um modo por meio do qual agimos, avaliamos e justificamos nós mesmos e nossos mundos. Ou seja, ela se articula com nossa experiência cotidiana. James nos diz que o emocionar pode ser uma ferramenta performática de modificação das experiências e de nossas distinções já estabelecida, apontando uma função indutiva da emoção em relação à cognição. Podemos pensar que a primeira ideia se constitui como uma modulação da segunda, uma vez que agir, avaliar e justificar são modos possíveis de distinguir e reformular experiências.

4 COPRODUÇÃO ENTRE COGNIÇÃO E EMOÇÃO

Continuando a discussão de versões que possam, como dissemos no primeiro ponto deste texto, distinguir e articular o emocionar e o conhecer de maneira que sejamos capazes de explicitar seus modos operatórios sem contrapô-los, iremos buscar incorporar à discussão noções da teoria da enação.

Para a abordagem enativa, a mente é um efeito emergente da tonalidade afetiva que envolve um corpo situado. Esse processo emergente ocorre em uma fração de segundo, uma e outra vez (VARELA, 2000a). Para Varela e Depraz (2005), a cognição e a emoção se produzem em um mesmo plano, o afetivo. Aquilo que afeta, ao mesmo tempo modula uma valência e projeta uma ação. Existe, assim, um trânsito de um plano pré-reflexivo (afeto) ao reflexivo e vice-versa. Tal trânsito é definido como uma dobra que cria um tropos de dupla hélice – tal como uma fita de Moebius –, pré-reflexiva, autoafetiva e, em continuidade, expressões de cognição e de emoção. Essas duas hélices se autoproduzem

nesses movimentos de passagens fazendo com que a cognição e a emoção estejam entrelaçadas e emergem dos afetos. Varela (2000a) sugere, assim, que abandonemos a perspectiva segundo a qual a razão seria o princípio central do funcionamento da mente. Somente desse modo poderemos contemplar a coemergência entre emoção e cognição, momento a momento, tomando a totalidade afetiva do corpo situado. O afeto é caracterizado como uma dinâmica pré-reflexiva de autoconstituição da mente/consciência/self, “um auto-afeto em sentido literal” (VARELA, 2000a, p. 10). O afeto é primordial para o autor, no sentido de que sou afetado antes que surja um eu que conhece e se emociona.

Um exemplo trazido pelo autor ajuda a explicitar as relações entre afeto (pré-egóico) e emoção (egóica). Varela (2000a) nos diz que, ao escrever, encontra-se tomado por uma disposição à ação, antecipando um texto. No momento em que escolhe as palavras, essa disposição se hibridiza, por exemplo, com uma carga emocional concernente à frustração por não encontrar uma palavra que lhe pareça adequada. Tal frustração surge de um fundo anímico excitante de um dia produtivo, dedicado à finalização do texto. Esse exemplo mostra oscilações na paisagem emocional, mas não um processo de tudo ou nada, uma vez que a frustração por não encontrar a palavra adequada não diminui a disposição de continuar escrevendo.

Nessa perspectiva, o autor distingue três níveis de afeto:

O primeiro está constituído pelas afeto-emoções: estar consciente de uma tonalidade emocional que é constitutiva do presente vivo. O segundo é o afeto-afetação, uma tendência disposicional própria a uma sequência coerente de ações incorporadas. Finalmente, o afeto-humor, o nível da narração descritiva com uma duração mais ou menos longa de tempo. (VARELA, 2000a, p. 355)

Varela propõe essa distinção em níveis, pois está buscando desenvolver seu estudo sobre o afeto em diálogo com a fenomenologia. Segundo Varela (2000), para Husserl (1966), o afeto é primordial à consciência e, conseqüentemente, à temporalidade – nossa percepção do fluxo temporal dos acontecimentos. Em seu estudo sobre o fundamento da temporalidade, Husserl propõe três escalas de duração: 1) eventos básicos ou elementares (escala “1/10”), 2) período de relaxamento para integração à grande escala (escala “1”) e 3) afirmações descritivas-narrativas (escala “10”). As escalas de duração da teoria husserliana

inspiram a elaboração dos níveis de afeto propostos por Varela: enquanto o primeiro nível (afeto-emoção) está relacionado com a duração de eventos elementares, o segundo (afeto-afetação) está em consonância com o período de relaxamento para integração, e o terceiro (afeto-humor) corresponde às afirmações na linguagem. Esses três níveis de afeto operam na vida presente, uma vez que, em sua dinâmica, há a emergência do “momento a momento” da consciência, por isso a ideia de uma paisagem afetiva.

Tanto James como Varela apontam que o campo instantâneo do presente tem um modo de afetação em seu estado “puro” ou pré-reflexivo. Inspirado em Husserl e na tradição fenomenológica, Varela (2000a) propõe que a temporalidade se constitui pelos afetos. Considerando Merleau-Ponty, para quem “o tempo é afetação do eu pelo eu” e Levinas, que julga ser a alteridade o componente principal para a constituição do tempo, Varela sugere que somos afetados pela alteridade, assim como pelas representações e afetações imanentes a cada experiência: “A distinção entre auto e hetero deixa de ser importante, posto que em todos os casos tudo se reduz a mesma manifestação: é uma questão de algo outro, a experiência de uma alteridade, uma diferença na identidade do presente”. Varela se contrapõe à visão que concebe a precedência do tempo, que seria colorido pela afetação, e a seu inverso, em que a primazia da afetação é subjacente ao que percebemos como temporalidade. O interesse do autor é estabelecer uma síntese não dual na qual o afeto seja compreendido como constitutivo do eu – como um movimento permanente – sem deixar de conter uma abertura ou indiscernibilidade – imprecisão radical – em relação a sua constituição. Sua proposta congrega, assim, a temporalidade processual e a experiência de *breakdown*, que produz a descontinuidade (VARELA, 2000a).

Na teoria da enação, essa indeterminação que se manifesta no momento presente, no qual o sujeito precisa lidar com a situação que se apresenta, possui um papel central para o estudo da cognição. O processo de “encarar a vida” compreende uma prontidão para a ação – uma tendência disposicional – que em um âmbito mais amplo se constitui em uma “disposição ontológica, ou seja, uma expectativa da maneira como o mundo irá se manifestar” (VARELA, 2000a, p. 354). O agir moldado por uma expectativa está relacionado à constituição dos hábitos, da recorrência de ações prévias – estabelecimento de padrões sensório-motores. Isso porque, ao apreender um modo de agir eficaz, desenvolvemos fluxos de ação que adquirem certa transparência em relação à experiência

consciente. Transparência significa uma tendência para ação em um campo de prontidão ontológica. Desenvolver uma habilidade é um exemplo de aquisição de transparência. A recorrência ao realizar uma atividade – como andar de bicicleta – nos permite agir de forma pré-reflexiva, sem perder a coerência entre as ações efetuadas momento a momento. Varela (2000b) adverte que a constituição temporal da transparência não se limita a ações individuais, ganha extensão na própria história de acoplamentos coletivos, culturais, institucionais.

Os momentos de breakdown, de perda da transparência, estão associados a um tom afetivo disposicional. Segundo Varela (2000b), pode haver diferentes graus de quebra de transparência e o modo como isso acontece abre um conjunto de emoções: medo, ciúmes, raiva, ansiedade, autoconfiança, assim por diante.

Em consequência, a palavra emoção é utilizada aqui em seu sentido específico: a tonalidade do afeto que acompanha uma mudança na transparência. Afeto, por outro lado, é uma orientação disposicional mais ampla que pré-condicionará o tom emocional que pode aparecer. (VARELA, 2000a, p. 355)

A partir dessa perspectiva, as emoções não estão separadas da constituição recorrente da cognição, uma vez que o estabelecimento de transparências não é deliberada, mas parte do acoplamento estrutural. Nesse sentido, o autor vai denominar o tom emocional como já dito, como uma paisagem dinâmica que se modula nos diferentes acoplamentos que se atualizam.

Colocando a abordagem de afeto/emoção/humor apresentada por Varela em relação à proposta de James, que compreende as emoções como potencializadoras de *breakdowns*, sugerimos que, em Varela, o afeto-emoção faz ver o *breakdown*, enquanto o afeto-afetação é a experiência de habitar um campo mais ou menos problemático. Como exemplo, podemos imaginar uma situação na qual uma pessoa caminha com bastante pressa por estar atrasada para um compromisso, quando avista um grande amigo que não encontrava há tempo (afeto-emoção). Sente sua frequência cardíaca aumentar, uma sensação de agitação no peito e o desejo de abraçá-lo o mais rápido possível (afeto-emoção). Caminha em sua direção buscando aumentar a velocidade de seus passos. Pode descrever essa situação como um estado de ansiedade que permite mover-se rapidamente em sua direção (afeto-humor).

Lembra da amizade e de situações de vida compartilhadas (afeto-humor). Em meio às lembranças, passam-se alguns minutos e, por um momento, esquece completamente do compromisso (afeto-afetação).

Essa descrição configura as emoções como estados acoplados (euforia, alegria, saudade), pois aborda-as como condições disposicionais que constituem as possibilidades de ação no momento presente. Além disso, o processo circular entre *breakdown* e afeto pode ser descrito como a ocorrência de uma interrupção do fluxo da experiência (avistar o amigo) que modifica a tonalidade emocional (*breakdown-afeto*); ou como uma dinâmica afetiva (estar com pressa) que participa da emergência de um novo fluxo de experiência (*afeto-breakdown*). O interessante nestas diferentes formas de expressão-distinção da experiência afetiva é como ação, emoção e percepção se modulam mutuamente.

Vimos anteriormente que o conceito de *breakdown* poderia ser articulado àquele do emocionar, uma vez que a quebra por ele provocada *faz-sentir* de outro modo pela indução que é própria à capacidade do corpo de ser afetado, abrindo a diferentes ações. Para Maturana (2001a, p. 92) a “transição de um domínio de ação para outro é uma transição emocional”. Ao considerar as emoções como disposições corporais dinâmicas, que definem o domínio no qual uma ação e/ou uma explicação acontece, indica que o emocionar se articula, momento a momento, com a ação ou com a explicação, no domínio relacional implicado. Desse modo, emoção e cognição se articulam, momento a momento. Tal proposição abre espaço para apontarmos que, na *práxis* do viver, emoção-cognição se rearticulam a cada experiência. Entretanto, esse argumento precisa ser ampliado do plano individual para o coletivo. Essa ampliação é defendida, como dito, por Varela e também por James. O último autor já indicava o caráter coletivo da experiência, no momento em que se refere a outro com quem compartilhamos nossos sentidos. A ideia expressa em *The Conterminousness of Different Minds* pelo filósofo busca que um certo comum exista entre nossas experiências distintas.

Praticamente, então, nossas mentes se encontram em um mundo de objetos que elas compartilham, que ainda estaria lá se uma ou várias das mentes fossem destruídas. Não vejo objeção formal a essa suposição ser literalmente verdadeira. Sobre os princípios que estou defendendo, uma “mente” ou “consciência pessoal” é o nome de uma série de experiências que correm juntas por certas transições

definidas, e uma realidade objetiva é uma série de experiências semelhantes unidas por transições diferentes. (JAMES, 1904, tradução nossa)

A descrição jamesiana permite retomarmos uma ideia já lançada pelos autores da teoria autopoietica em relação à constituição de um plano comum: se o domínio que mantém congruências operacionais é também um domínio linguístico, então o multiverso de emoções que performam nossas ações encontram como ponto comum para reflexão o conversar. Para Maturana (2001a), é a partir do linguajar e do emocionar que flui um processo de entrelaçamento desses domínios de ação, possibilitando fluxos entre as diferentes posições de observadores/as. Por isso, os autores enfatizam que o conversar seria um modo particular de viver junto, em coordenações de fazer e de emocionar, construindo e modificando realidades.

Nas conversações, diferentes sistemas de convivência se instituem de acordo com a emoção que performa o espaço de ações nas relações com outros e conosco. Por isso, Maturana (2001a) afirma que, se desejamos entender as ações humanas, não podemos observar o movimento ou o ato como uma operação particular, mas também a emoção que o possibilita e que abre a constituição de domínios coletivos. Um mero esbarrão poderia significar um ato acidental ou uma violência. O que o define é justamente a emoção que o constitui, na circunstância na qual se produz. Por isso, muitas vezes os discursos racionais são ineficazes porque aquele que fala e aquele que escuta experienciam distintas emoções e participam de diferentes domínios operacionais.

Assim, também o raciocinar se funda no espaço de ações especificado por uma emoção, “todo sistema racional tem fundamento emocional” (MATURANA, 2001b, p. 170). O ato de pensar, por exemplo, pressupõe um encontro, uma força afetivo-emotiva, que não se acrescenta ao pensamento como uma coloração, mas cria as próprias condições para que o ato de pensar ocorra (Rocha, 2007). Não se trata apenas da manifestação de uma emoção íntima que é expressada, mas a expressão de um emocionar como articulação de uma experiência-mundo. Contudo, a experiência de descrever uma emoção é sempre dependente dos modos de expressá-la e distingui-la realizados na linguagem por um sujeito observador que participa de coletivos de observadores, com suas transparências comuns.

Sobre o linguajar, Maturana nos suscita a refletir que

uma vez que a linguagem acontece no domínio das coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações, e estas acontecem através dos encontros corporais de seus participantes, a corporalidade daqueles que estão na linguagem muda de acordo com o fluir de seu linguajar, e o fluir de seu linguajar muda de modo contingente com as mudanças de sua corporalidade. (MATURANA, 2001a, p. 150)

Novamente, o autor destaca a posição de corpos que coordenam ações no tempo presente, em que “tudo o que o observador faz como ser humano acontece no nível de sua realização operacional em sua corporalidade” (MATURANA, 2001a, p. 177). Desse modo, a articulação entre cognição-emoção não prescinde a conexão entre experiências que se produzem momento a momento. Embora, certamente, a linguagem abra outras temporalidades nessa articulação. Mas, mesmo aí, é sempre no presente que se dá a articulação do que chamamos de passado e futuro, pois estes, a cada atualização, também podem ser reformulados. Na mesma direção, James (1904) já indicava que as relações que conectam experiências devem, elas próprias, ser relações experienciadas, e qualquer tipo de relação experimentada deve ser considerada “real” como qualquer outra coisa no mundo. Além disso, o filósofo demonstra que o campo instantâneo do presente seria

sempre experimentado em seu estado “puro”. Uma realidade simples e não qualificada, um simples *that*, quando ainda indiferenciado em coisa e pensamento, e apenas virtualmente classificável como fato objetivo ou como a opinião de alguém sobre o fato. Isso é tomado como verdade, tanto quando o campo é conceitual, quanto o campo for perceptivo. (JAMES, 1904, tradução nossa)

O que até aqui discutimos mostra que, além da articulação entre cognição e emoção no tempo presente, o linguajar articula observadores e mundos que criam tanto transparências como desconcertos em mundos moventes.

5 EM PERCURSO

O percurso aqui realizado permitiu apresentar versões que articulam cognição e emoção evitando dicotomias ao explicitar as relações entre elas, em consonância com uma rede que postula

haver um consenso crescente de várias fontes – filosóficas, empíricas e clínicas – de que as emoções não podem ser vistas como uma mera “coloração” do agente cognitivo, entendido como um *self* formal ou não afetado, sendo imanentes e inseparáveis de todos os atos mentais. (VARELA e DEPRAZ, 2005, p. 61)

Ao tomarmos uma versão enativa, ou performática, podemos estabelecer como a articulação, momento a momento, entre a emoção e a cognição produz nós mesmos e nossos mundos, sempre em movimento. As versões aqui tratadas postulam uma forte articulação da emoção e da cognição com a ação, com aquilo que transcorre no momento no qual a ação se efetua. A ação efetuada no momento presente, encarnado e acoplado a determinada circunstância, faz-fazer, ou seja, faz emergir emoção, pensamento e mundos compartilhados. Para James, as experiências e seus domínios explicativos são vivenciados como experiências *continuamente descontínuas*. “Nos casos mais simples e completos, as experiências são cognitivas umas das outras” (JAMES, 1904, tradução nossa).

É importante pontuar que, ao considerar o tempo presente como principal articulador daquilo que nos acontece em emoção e pensamento, não se afirma que memória e desejo estejam fora da articulação. O que essas versões buscam enfatizar é que o presente é o momento no qual mudanças têm lugar, pois poderia ser experimentado em seu estado “puro”, pré-reflexivo. Nelas, a emoção opera como um agenciador de *breakdown*, de hesitações, oportunizando à cognição diferir de si mesma, vir a variar.

O presente é denso, se constitui em um arranjo momento a momento configurado por heterogêneos que incluem instituições, tecnologias, humanos e não humanos. Desse modo, o conversar, ou seja, a articulação entre emoção e cognição, não se dá no abstrato e nem somente em relações interpessoais, mas congrega diferentes componentes dessa rede que também os modula.

Como dito, além da inseparabilidade entre emoção e cognição, destacamos a ação e a linguagem como elos constitutivos entre observadores e mundos. Assim, no tempo presente, a posição do observador como perspectiva assegura a centralidade da menção ao corpo situado como um espaço temporal, emergente e ativo na experiência do viver. O sujeito-mundo, compreendido como versões plurais das realidades, permite performar esse corpo de emoções, de explicações e de linguagem a cada nova negociação que os encontros

convocam, *com-versam*. São versões não somente epistêmicas, mas que trazem uma política do afeto, uma prática da indução.

REFERÊNCIAS

COLOMBETTI, G. Enaction, sense-making, and emotion. In J. Stewart, O. Gapenne & E. Di Paolo (eds.), **Enaction: Towards a New Paradigm for Cognitive Science** (145-164). Cambridge, MA: MIT Press, 2010.

COLOMBETTI, G. **The feeling body: affective science meets the enactive mind**. Cambridge, MA: MIT Press, 2014.

DESPRET, V. **Ces émotions qui nous fabriquent. Ethnopsychologie des émotions**. Paris, França: Les Empêcheurs de penser en rond, 2001.

DESPRET, V.; STENGERS, I. **Les faiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à la pensée**. Paris, França: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond, 2011.

HUSSERL, E. **Zür Phänomenologie des Inneren Zeitbewusstseins (1893-1971)**, ed. R. Bohm (The Hague: M. Nijhoff). Partial English translation: The Phenomenology of Internal Time Consciousness Studies, v. 3, n. 4, pp. 313-329, 1966.

JAMES, W. **A World of Pure Experience**, 1904. Recuperado de <http://psychclassics.yorku.ca/James/experience.htm>

JAMES, W. (2008). As emoções. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, n. 4, pp. 669-674, 2008. (Trabalho original publicado em 1890).

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001a.

MATURANA, H. R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001b.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

ROCHA, J. M. **Os múltiplos nós que nos constituem: o afeto na constituição dos processos emotivos e cognitivos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VARELA, F. **El fenómeno de la vida**. Santiago, Chile: Dolmen Ediciones, 2000a.

VARELA, F. The specious present: a neurophenomenology of time consciousness. In J. PETITOT, J. F. VARELA, B. PACHOUD, J. M. ROY (Eds.), **Naturalizing phenomenology: issues in contemporary phenomenology and cognitive science** (pp. 266-329). Stanford, CA: Stanford University Press, 2000b.

VARELA, F. O Desencantamento do Abstrato In P. P. PÉLBART, R. DA COSTA (Orgs.), **Reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, pp. 72-86, 2003.

VARELA, F., THOMPSON, E., ROSCH, E. **A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2001.

VARELA, F., DEPRAZ, N. At the source of time: valence and constitutional dynamics of affect. **Journal of Consciousness Studies**, v. 12, n. 8-10, pp. 61-81, 2005.